



Mulher recebendo redes mosquiteiras num posto de distribuição, Província de Niassa, 2017

Lições de Campo

Com foco: Prevenção e controlo da malária

A rede traz saúde

Uma auscultação qualitativa sobre as práticas de uso e cuidado de redes mosquiteiras em duas províncias do norte de Moçambique

Pontos de destaque

- > Outros benefícios psicossociais e físicos do uso das redes, além da proteção contra a malária, como tranquilidade, e bem-estar, devem ser explorados nos esforços de comunicação para melhorar o uso de redes.
- > O nível de recordação das mensagens sobre como cuidar das redes, ainda é fraco e inconsistente. As mensagens sobre cuidado e uso de redes devem ser fortalecidas para maximizar o uso e a proteção.

Este documento de aprendizagem faz parte de um exercício de documentação do projeto; para ler mais e outras lições aprendidas, visita:
<http://www.malariaconsortium.org/projects/malaria-prevention-and-control-project>

Introdução

Os casos de malária tendem a diminuir nos últimos anos. Em 2015, houve declínio de 9% dos casos confirmados e não confirmados, a partir de 2009 e uma redução de 34% na mortalidade (MISAU, 2017).

Entretanto, Moçambique continua a ser um dos mais afectados do mundo (OMS, World Malaria Report, 2012). A malária é endémica em todo o país, e a principal causa de problemas de saúde, sendo responsável por 29% de todas as mortes hospitalares e 42% das mortes em menores de cinco anos (MISAU, 2017).

Entre 2011 e 2017, o Projecto de Prevenção e Controlo da Malária - Expansão para acesso universal através de participação comunitária, financiado pelo Fundo Global, têm apoiado o Programa Nacional de Controlo da Malária com intervenções comunitárias em 9 províncias de Moçambique.

Implementado por um consórcio de organizações da sociedade civil, o projecto pretende melhorar os conhecimentos e atitudes, e adopção de comportamentos eficazes para a prevenção e controlo da malária, através de um conjunto de intervenções de capacitação de estruturas comunitárias e professores, comunicação social e mobilização comunitária, e também a distribuição gratuita de redes mosquiteiras tratadas com insecticida de longa duração (REMILDs) para a cobertura universal.

O papel da Malaria Consortium, no âmbito deste projecto, foi duplo: Liderança técnica em programação para o engajamento comunitário e comunicação social; Implementação em duas províncias do norte do país entre as mais afectadas pela malária, nomeadamente, Nampula e Niassa.

Posse e uso de redes mosquiteiras em Moçambique

As redes tratadas com insecticida de longa duração (REMILD) constituem métodos mais eficientes e económicos para reduzir a morbidade e a mortalidade relacionadas à malária (Lengeler, 2000; Goodman et al 1999).

Nos últimos anos, o Governo de Moçambique elevou esforços para distribuir gratuitamente milhões de REMILD para populações vulneráveis,

em forma de campanha, com o objetivo de alcançar uma rápida expansão da cobertura universal para todas as pessoas em risco de malária.

Uma avaliação rápida pós campanha conduzida em 2015, em alguns distritos mostrou um nível de posse e uso de REMILD acima de 80% nas 9 províncias abrangidas pelo Projecto de Prevenção e Controlo da Malária, comparativamente aos níveis observados no Inquérito Demográfico e de Saúde 2011, onde os dois indicadores estavam abaixo de 60%. As províncias de Nampula e Niassa foram as únicas onde a posse (96,7% e 93,8%, respectivamente) e o uso (86,0% e 85,4%, respectivamente) estão nos níveis esperados pelo PNCM de 90% para posse e 80% para uso (Arroz et al, 2015).

Apesar destes resultados encorajadores, sugerindo que as actividades de comunicação e mobilização social parecem adequadas para gerir demanda e busca de redes, o desafio de manter um alto nível de uso a longo prazo continua: cenários de não uso ou uso incorreto são reportados. Por outro lado, é de conhecimento de que a posse e o uso de redes sejam susceptíveis a diminuir nos primeiros dois anos após distribuição massiva (Kilian et al., 2010).

A chave para tornar essas intervenções mais eficazes e sustentáveis a longo prazo é entender o que impulsiona a demanda e uso de REMILD, bem como outros métodos de prevenção da malária (Chase et al, 2009).

Objectivo

A Malaria Consortium realizou uma auscultação qualitativa de pequena escala, nas províncias de Nampula e Niassa, com o objectivo de explorar as experiências e motivações no uso, não uso ou mau uso das redes mosquiteiras, e as percepções locais a respeito das práticas recomendadas de prevenção e controlo da malária.

Método

8 comunidades foram seleccionadas intencionalmente em 4 distritos das províncias de Nampula (distritos de Muecate e Mogincual) e Niassa (distritos de Chimbunila e Mandimba), abrangidos pelas actividades de mobilização comunitária do Projecto de Prevenção e Controlo da Malária e que se beneficiaram da Campanha



Arrejando a rede mosquiteira nova antes do primeiro uso, Província de Niassa, 2017

de Distribuição de Redes Mosquiteiras nos últimos seis meses.

Os dados primários foram recolhidos em Outubro de 2014 por meio de 8 Grupos Focais de Discussão (GFDs) com membros das comunidades, homens e mulheres, e 12 Entrevistas Individuais (EI), com ‘desviantes positivos’ (4 mulheres e 4 homens) e representantes de estruturas comunitárias (4 homens). Todas entrevistas e grupos focais de discussão foram feitas em línguas locais, por assistentes de pesquisa treinados, gravadas em áudio após a obtenção do consentimento informado, e transcritas em Português. Uma análise temática dos dados foi conduzida a fim de providenciar uma descrição temática da experiência dos grupos-alvos com as REMILDs e determinantes de uso e não uso das redes.

Resultados

Apesar da maior parte dos respondentes dizer ter uma experiência recente de uso de redes (porque a maior parte disse que não tinha redes mosquiteiras antes de receber através da distribuição universal), parece que a prática de dormir de baixo da rede foi adoptada facilmente e de imediato pelos beneficiários das distribuições.

Dormir debaixo da rede é prático, bom e “civilizado”

Os respondentes afirmaram quase unanimemente que todos os membros das suas famílias estão a usar as redes para dormir, apesar de alguns respondentes isolados terem mencionado que o número de redes recebido não foi suficiente para cobrir todos os membros da família.

Conforme os respondentes, dormir debaixo da rede parece uma norma social de boa prática nas comunidades abrangidas.

Num grupo de mulheres, foi reportado que os homens mudaram de atitude acerca das redes, passando de uma atitude de desconfiança para uma atitude de encorajar os membros da família no uso das redes.

“ Antes os nossos maridos nos batiam por acatarmos essas informações, ou nos encontrarem reunidos com alguém a nos ensinar sobre as boas práticas do uso da rede mosquiteira, mas hoje não, ainda por cima, eles nos incentivam a usarmos a rede mosquiteira. ”

(GFD com mulheres, Nampula)

Mau uso de redes é marginal

Os respondentes consideram que as práticas de uso incorrecto de redes são marginais, até referem que “aqui não existe”. Os respondentes reconhecem que de facto “alguns” ainda tem mantido “costumes antigos”, como “estender e dormir por cima da rede, (...) ir pescar, nas machambas, amarar nos quintais, tecto das casas e também (...) vender as redes a mais” (GFD com homens, Niassa), mas que já estão a diminuir. A diminuição de má prática é atribuída à consciencialização das pessoas sobre o risco da malária, e eficácia comprovada das redes.

Em todos os grupos focais e entrevistas, os respondentes julgam negativamente as pessoas que usam as redes para outros fins, considerando que são pessoas sem “higiene”, ou sem educação, com “preguiça”, ou “meio malucas”. No entanto, usar redes “antigas” para outros fins parece ser tolerado, considerando que as redes antigas estragadas já não são adequadas para dormir.

Além da falta de redes ou falta de informação e educação, os entrevistados não foram capazes de identificar barreiras específicas ao uso das redes, e não relataram desconforto ou efeito colateral do uso das redes.

“Não há (pessoa) que não gosta de dormir dentro da rede mosquiteira.”
(GFD com homens, Nampula)

A rede traz boa saúde

Em todos os grupos de discussão, os participantes expressam alta valorização das redes mosquiteiras que lhes proporcionam melhor saúde.

Quando questionados sobre as suas experiências com as redes, todos os respondentes, ambos mulheres e homens, expressam um sentimento de “bem-estar” e de “tranquilidade”, afirmando que o uso das redes já resultou em melhoria da saúde pessoal e dos membros da família.

“Temos nos alegrado bastante com isso, porque antes não gozávamos a vida devidamente, mas hoje fazemos muitos filhos saudáveis porque a vida está boa.”
(GFD com mulheres, Niassa)

Os respondentes têm a percepção de que o uso das redes já tem impacto positivo no seu estado de saúde, relatando ter notado uma redução de casos de malária em todas as faixas etárias.

“Estamos a viver bem aqui na comunidade e as doenças estão a reduzir, poucos falam de doença da malária.”
(GFD com homens, Niassa)

Os benefícios percebidos do uso de redes são principalmente a respeito da protecção de picadas de mosquitos e da malária.

“Com o uso da rede mosquiteira nos sentimos bem, sentimos os benefícios do uso, porque antes os mosquitos nos traziam borbulhas. Hoje você se dormir sem rede passa mal e acorda cheio de borbulhas, então nós sentíamos as dores antes, e hoje sentimos os benefícios.”
(GFD com mulheres, Nampula)

Além da protecção contra a malária e redução da doença, reportada em todos os grupos focais e entrevistas, várias outras vantagens do uso das redes estão mencionadas, como conforto, barreira contra outros insectos, o facto de se sentir “sossegado” e ter um “bom sono” em geral, até que “o amor vai bem de baixo da rede mosquiteira” de acordo com um grupo de mulheres (GFD com mulheres, Niassa).

Nas pessoas que usam regularmente as redes (‘desviantes positivos’), há uma percepção muito positiva dos benefícios individuais do uso de



Demonstração de uso correcto da rede mosquiteira a nível comunitário, Província de Nampula, 2017

rede, até o sentimento de felicidade e de sucesso pessoal: “me sinto bem, porque isso sai ao vencer” (Entrevista Individual com homem, Nampula). O uso das redes faz parte do “bom comportamento”, junto com práticas de higiene em geral, que traz saúde.

Usar a rede é ser “higiénico”

Para a maioria dos respondentes, usar a rede de forma adequada faz parte de um conjunto de boas práticas de “higiene” que contribuem à boa saúde. No depoimento, a sujidade é associada ao risco de doença, a limpeza é associada à saúde.

A higiene pessoal e a limpeza da casa são muito valorizadas. É interessante notar que, entre as várias acções recomendadas para prevenir a malária (além do uso de redes), o saneamento do meio é o que mais chamou a atenção das pessoas: a eliminação do lixo, eliminação de charcos de águas paradas, até lavar as roupas e o uso correcto de latrinas e higiene da casa aparecem como um

conjunto de medidas preventivas que ajudam a evitar (ou se desenvolvam) “bichos que podem contaminar com a malária”, sem que os respondentes sejam sempre capazes de identificar claramente qual medida previne a malária em particular e como.

“A forma como se prevenir a doença da malária não tem grande diferença com a doença de cólera, requer ter higiene em casa. Só mantendo a higiene é que podemos acabar com a doença da Malária, ”

(Entrevista Individual com homem, Niassa.)

Essas aproximações tendem a indicar que, embora a malária esteja claramente associada a mosquitos, ainda pode haver uma série de falsas crenças em relação a outros meios de apanhar malária: algumas pessoas pensam que a malária se transmite através de consumo da água suja ou da sujidade no quintal da casa.

Aproximações em torno do cuidado a ter com as redes

Há uma boa consciência geral da necessidade de cuidar bem das redes, mas o nível de recordação das mensagens e recomendações ainda é fraco e inconsistente, às vezes correcto, outras vezes errado.

Em todos os grupos, os respondentes recordam vários conselhos sobre como cuidar das redes, tais como cozer a rede ou fazer um nó no lugar do furo que parece já ser um hábito e foi mencionado em quase todos os grupos. Mas a maneira de lavar e secar a rede sofre aproximações e variações. Os participantes relatam lavar tanto no rio como em casa, secar tanto ao sol ou na sombra, e parecem variar sem saber o que deveria ser feito na verdade.

Mas a maioria dos entrevistados reportam que lavaram a rede antes de usá-lo pela primeira vez para evitar efeitos colaterais e também como medida normal de higiene “para reduzir a poeira caso exista dentro da rede mosquiteira”, da mesma forma de que “quando a pessoa compra roupa de calamidade” (GFD com homens, Niassa).

Os entrevistados parecem não ter a certeza do que fazer com a rede nova, antes do primeiro uso: entendem que o insecticida pode ser prejudicial e, portanto, um número considerável dos entrevistados relataram ter lavado a rede com sabão ou detergente antes do primeiro uso, e alguns também confundiam REMILD (já tratada) com redes distribuídas no passado e que vem com kit de insecticida para tratar antes de usar. Entre aqueles que têm compreendido que a rede deve ser arejada, a duração deste procedimento não foi consistentemente recordada, variando de uma hora até dois dias.

“Aqui na comunidade não fazemos uso antes de lavar, porque a rede mosquiteira para fazer o seu uso temos que iniciar lavar e de seguida fazer uso, se isso não for feito a rede provoca comichão devido ao medicamento lá existente. Depois de lavar esticamos nas camas para evitar ser picados com mosquitos.”

(GFD com homens, Niassa).

Conclusões

A principal limitação dessa auscultação é que as percepções, atitudes e conhecimentos aqui reportados são relatados pelos próprios entrevistados, significa que alguns factos ou práticas podem ter sido minimizados enquanto outros são exagerados, mas reflectem as percepções, sentimentos e atitudes apresentadas pelos participantes. Entretanto, o facto de que as pessoas não relataram nenhum aspecto negativo sobre uso da rede e que eles valorizam bastante as redes mosquiteiras é consistente com estudos anteriores realizados no país (Morgan et al., 2014).

Enquanto os entrevistados expressaram satisfação e experiência positiva com as redes mosquiteiras recentemente recebidas, o desafio de manter o cumprimento do uso adequado e consistente de redes continua, o que é um obstáculo comum nas iniciativas de saúde pública (Kremer et al, 2007). Os resultados obtidos deste estudo indicam possíveis caminhos para tornar o uso de rede em

um hábito normal.

Para promover a utilização consistente de redes, deveriam ser valorizados outros benefícios psicossociológicos e físicos, além da proteção contra a malária, tal como um bom sono, o conforto, a modernidade, e a aspiração a higiene, uma abordagem que foi bem-sucedida em outros países africanos (Percival, 2015).

Usuários regulares e satisfeitos de redes, bem como líderes locais, devem ser mobilizados para se tornarem campeões do uso de redes nas suas comunidades, reforçando as expectativas sociais existentes para o cumprimento das boas práticas.

As famílias valorizam e tentam manter e reparar as redes, até para além da vida útil, como mostraram estudos anteriores em Moçambique (Morgan et al., 2014). No entanto, as aproximações dos respondentes sobre o que fazer com as redes novas exigem que se dê mais atenção à esta questão durante e após as distribuições em massa, porque má prática pode contribuir para danos nas redes. As intervenções que usam voluntários da comunidade para promover o uso e ajudar as famílias a pendurar as redes parecem ser estratégicas e promissoras, incluindo em Moçambique (Macedo de Oliveira A. et al. 2010), e deveriam ser consideradas para complementar campanhas (Eisele TP, 2011).

Seria útil desenvolver pesquisa adicional para melhor quantificar o grau de mau uso de redes mosquiteiras, e também qualificar os determinantes, especialmente em áreas com relatos de uso incorrecto de redes. Isso permitirá analisar se estratégias específicas deveriam ser desenvolvidas para fazer face ao problema.

Enquanto o investimento em esforços de mobilização social antes, durante e após as campanhas de distribuição deve continuar e ser fortalecido, é essencial também manter um programa forte de educação e participação comunitária que reforça motivações individuais e colectivas, através de abordagens eficazes de envolvimento comunitário no controlo da malária. Tem sido documentado que é possível manter alto nível de uso de redes, mesmo num contexto de redução da malária e da percepção de risco, com este tipo de programa (Wanatabe et al, 2014).

Referências bibliográficas

Macedo de Oliveira A. et al: Ownership and usage of insecticide-treated bed nets after free distribution via a voucher system in two provinces of Mozambique. *Malaria Journal*, 2010, 9:222

Arroz J, Chirruete F, Mendis C, Chande M, Kollhoff V: Assessment on the ownership and use of mosquito nets in Mozambique. *Rev. Saúde Pública*. 2016; 50: 67.

Chase C, Sicuri E, Sacoor C, Nhalungo D, Nhacolo A, Alonso PL, Menéndez C: Determinants of household demand for bed nets in a rural area of southern Mozambique. *Malaria Journal* 2009, 8:132

Eisele TP et al. Claims about the Misuse of Insecticide-Treated Mosquito Nets: Are These Evidence-Based? *PLoS Med*; 2011, 8(4): e1001019

Goodman CA, Coleman PG, Mills AJ: Cost-effectiveness of malaria control in sub-Saharan Africa. *Lancet* 1999, 354:378-385.

Kilian A, Wijayanandana N & Ssekitooleko, J: Review of delivery strategies for insecticide treated mosquito nets: are we ready for the next phase of malaria control efforts? *TropIKA. net* 2010, 1, 0-0

Kremer M, Edward M: The illusion of sustainability. *Quarterly Journal of Economics*. 2007; 122(3), 1007–1065

Lengeler C: Insecticide-treated bed nets and curtains for preventing malaria. *Cochrane Database of Syst Rev* 2000, 2:CD000363.

Malaria Consortium: Auscultação sobre Conhecimento, Atitudes, Comportamento e Práticas (CAPC) em relação ao uso das RMTILD. Moçambique, Março 2015

Ministério da Saúde, Direcção Nacional de Saúde Pública. Programa Nacional de Controlo da Malária: Plano Estratégico da Malária 2017-2022. Maputo; Draft Março 2017.

Morgan J et al: Physical durability of two types of Long-Lasting Insecticidal Nets (LLINs) Three Years after a Mass LLIN Distribution Campaign in Mozambique, 2008–2011. *The American journal of tropical medicine and hygiene*, 2014, 14-0023.

Percival V: Encouraging BedNet Use: A Literature Review with a Focus on Mozambique prepared for PCI Media Impact. July 2015, Maputo

Watanabe N. et al: Determinants of the use of insecticide-treated bed nets on islands of pre- and post-malaria elimination: an application of the health belief model in Vanuatu. *Malaria Journal*, 2014, 13, 441.



Equipe de distribuição prepara-se para entregar as redes aos beneficiários e fazer demonstração de uso correcto, Província de Niassa, 2017

Autores

Sandrine Martin, Malaria Consortium. Agradecemos a todos os membros da nossa equipe de estudo, em particular Fernando Bambo e Honorio Samucene, Jorge Bande, e Marcelino Mirasse que supervisionaram a recolha de dados, e os entrevistadores de campo: Aboo da Conceição Ligório, João Albano Ração, Rogério Da Cruz Fazenda e Vânia Mário.

Agradecimentos

Este estudo foi implementado no âmbito do Projecto de Prevenção e Controlo da Malária, 2011-2017, financiado pelo Fundo Global para o HIV-SIDA, Tuberculose e Malária, em parceria com a Visão Mundial, Principal Recipiente, e a Malaria Consortium, International Relief for Development (IRD), Fundação para o Desenvolvimento da Comunidade (FDC), Médicos de Mundo de Portugal, Food for the Hungry (FH) como sub-recipientes. O Projecto de Prevenção e Controlo da Malária, visa apoiar o Governo de Moçambique para a redução da malária em todo o país, através da ampliação dos esforços de prevenção e controlo com o envolvimento da comunidade.

Publicado por Malaria Consortium / Dezembro de 2017

Salvo indicação contrária, esta publicação pode ser reproduzida na totalidade ou em parte para uso educacional ou em actividades sem fins lucrativos sem a permissão do detentor dos direitos do autor. Por favor, reconheça claramente a origem e envie uma cópia ou link do material reimpresso para a Malaria Consortium. Nenhuma imagem desta publicação pode ser usada sem a prévia autorização da Malaria Consortium.

Malaria Consortium

Development House 56-64 Leonard Street,
London EC2A 4LT
United Kingdom / info@malariaconsortium.org
www.malariaconsortium.org / UK Registered
Charity No: 1099776

Malaria Consortium Moçambique

Rua Joseph Ki'Zerbo, nº 191
Maputo - Moçambique
Tel: +258 21490254
Mobile: +258 84/82 3000236

**malaria
consortium**
disease control, better health